



Desigualdades de Gênero: análise da memória do dizer sobre o trabalho feminino no gênero cartum

Luciani Heindrickson¹
luheind@yahoo.com.br
Luciana Vedovato²
lucianavedovato@yahoo.com.br

RESUMO:

Este artigo discute as desigualdades de gênero, em relação ao trabalho feminino, a partir de publicações de cartuns, retirados do site da ONU Mulheres Brasil, partindo da reflexão teórica ancorada na Análise do Discurso francesa. Promove uma breve reflexão teórica sobre alguns conceitos fundamentais da AD, como sujeito, formação discursiva, interdiscurso, paráfrase e polissemia. A partir das análises, observa-se que a discursividade presente nos cartuns, estabilizam uma memória do dizer sobre a mulher e sobre o trabalho feminino que remete a constructos sociais presentes no imaginário social, refletindo as desigualdades de gênero, mas que podem ser ressignificados a partir de uma desidentificação do sujeito com tal formação discursiva.

PALAVRA-CHAVE:

Gênero;
Trabalho;
Feminino;
Análise do discurso;
Língua;

¹ Mestranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras, na linha de pesquisa: Trabalho, Política e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Licenciada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Foz do Iguaçu (2010). Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO (2021). Especialista em Educação - Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. (2013).

² Graduada em Letras pela Faculdade Estadual de Campo Mourão-PR. Mestre em estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, doutora pela Universidade do Rio Grande do Sul, no programa de pós-graduação em Letras - Estudos do Texto e do Discurso e professora efetiva do colegiado de Letras, na área de Linguística e do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste/ Foz do Iguaçu

1 Introdução

As desigualdades de gênero estão muito presentes em nossa sociedade. Não é à toa que existem diversos tipos de movimentos feministas que lutam pelos direitos das mulheres, reivindicando igualdade política, jurídica e social entre mulheres e homens. Historicamente a mulher sempre trabalhou seja no espaço privado ou público e seu trabalho, muitas vezes, é atravessado por essas esferas. O que ocorreu em determinado período histórico, da passagem do período Medieval para o mundo Moderno, e com a formação do sistema denominado patriarcal é que a mulher ficou alijada do trabalho público, passando a lhe ser atribuído apenas o trabalho reprodutivo, ou seja, o cuidado com a casa, o marido e os filhos (FEDERICI, 2017). Contudo, com o advento do capitalismo e a necessidade de mão-de-obra em decorrência de revoluções e guerras, a mulher retorna para o mercado de trabalho, porém, marginalizada. Ela, assim como as crianças, passarão a perceber as menores remunerações e a ocupar os piores cargos. (MELO; THOMÉ, 2018).

Nesse sentido, tendo sido alijada durante séculos do processo produtivo dominado pelos homens, como as áreas da política, da religião, do comércio; invisibilizada por ter o seu trabalho não-remunerado visto como secundário na hierarquia da divisão social do trabalho, a mulher passa a compor a formação imaginária de que a ela não pertencem os espaços de poder. Devido a esse processo de exclusão histórica, certos traços, que são considerados características essenciais a cargos de poder, passam a ser estereotipados como características de gênero, algo naturalizado e não algo que perpassa processos sociais estruturais mais amplos. Apesar dos avanços e da grande inserção da mulher no mercado de trabalho, nas décadas de 1950 e 1960 devido a “revolução sexual”, com o advento dos métodos contraceptivos, promovendo uma maior emancipação e possibilitando assim a sua crescente escolarização, não foram suficientes para mudar a situação da mulher (MELO; THOMÉ 2018). Dados do IBGE (2019) apontam que as mulheres apesar de serem maioria no mercado de trabalho e além disso, mais qualificadas, ainda recebem os menores salários e são minorias nos espaços de poder e decisão.

Com isso, nosso objetivo neste trabalho é propor um gesto de análise ancorado na teoria da Análise do Discurso francesa, de dois cartuns extraídos do site ONU (Organização das Nações Unidas) Mulheres Brasil, na reportagem intitulada ONU Mulheres e cartunistas divulgam charges para criticar desigualdades de gênero, que foi publicada em 06 de março de 2018, por ocasião do Dia Internacional da Mulher. Os cartuns fazem parte do livro “Abram espaço para as mulheres!”³ Nesse sentido, parte

³ Tradução livre de *Make place for women!*

do debate aqui organizado em torno do que é o trabalho feminino, do imaginário construído em torno do trabalho das mulheres, bem como os valores ideológicos que sustentam as relações discursivas e linguísticas. Tomaremos como base teórica para o nosso trabalho, os fundamentos da Análise de discurso franco-brasileira e os pressupostos das teorias feministas.

2 Fundamentação Teórica

De início, considera-se necessário conceituar brevemente a Análise do Discurso e seus princípios fundamentais para, posteriormente, adentrar nos conceitos que pretendemos mobilizar neste trabalho.

A Análise do Discurso, sendo do campo teórico da Linguística, não trata especificamente de língua, gramática, léxico, mas sim do discurso propriamente dito. Da língua em movimento. Interessa-se em compreender o discurso em suas condições históricas de produção, no seu uso social. Compreende o sentido da linguagem enquanto sistema de mediação entre o ser humano e a realidade natural e social (ORLANDI, 2020). Essa mediação dada por meio do discurso possibilita que as mulheres e os homens permaneçam ou (se) transformem a realidade em torno de si.

Diferente do que proposto por Saussure que centrava suas atenções apenas na língua enquanto estrutura, motivado fortemente pelas ideologias Positivistas da época, a Análise do Discurso compreende a linguagem como um sistema ligado a questões subjetivas e sociais e portanto toma o discurso também como um objeto social e histórico, em que sujeito e sistema se confrontam o tempo todo. Portanto, considera o sujeito histórico e as condições e os processos de produção da linguagem. Deste modo, a AD articula conhecimentos advindos das Ciências Sociais produzindo um deslocamento nos estudos linguísticos tradicionais, como a Análise de Conteúdo, por exemplo, que preocupa-se com o texto apenas como pretexto, e o analisa somente como algo que já está definido previamente. Diante disso, a AD reflete sobre a forma como a linguagem está materializada na ideologia e como essa se manifesta através da língua.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2020, p. 15).

Neste ponto, considera-se importante frisar que a Análise do Discurso não pretende desvelar uma realidade escondida por trás do texto, não há uma verdade oculta que precisa ser revelada para ser compreendida. Ela é na verdade um gesto de interpretação analítico, que ultrapassa os limites da mera interpretação. E através do dispositivo teórico, mobilizando os conceitos necessários, é que cada analista irá então realizar sua análise, buscando a compreensão de seu objeto e de que forma ele produz sentidos.

O sujeito da Análise do Discurso não é o sujeito individual, mas sim aquele que é resultado da relação da linguagem com a história. Ele não é totalmente livre e nem totalmente determinado. Ele ao mesmo tempo afeta e é afetado pelas práticas discursivas (LEANDRO FERREIRA, 2001). Corroborando com essa noção Orlandi (2020, p. 46) aponta que “ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos”. Ou seja, o sujeito para a AD é uma posição, um lugar que é ocupado pelo indivíduo enquanto reproduz o seu discurso. E essas posições são mutáveis. Eu posso me posicionar enquanto sujeito “esposa”, enquanto sujeito “delegado de polícia”, enquanto sujeito “cidadão” em detrimento do meio social em que estou inserido ou do papel que me cabe. “Segundo Althusser, é tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 1997).

Depois que explicitamos o que é sujeito e como ele é interpelado pela ideologia, outra noção que é fundamental explicitar é a noção de Formação Discursiva (FD). Segundo Courtine (1994 apud LEANDRO FERREIRA, 2001), a FD é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito, funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. Importante ressaltar que as formações discursivas não são homogêneas, pelo contrário, são heterogêneas pois são atravessadas por vários discursos. No entanto, isto não necessariamente é considerado algo negativo, pois é algo que faz parte do real da língua⁴, de seu uso e de suas variações. Segundo Pêcheux (1995 [1975], p. 160) “o sentido de uma palavra (...) não existe “em si mesmo”(...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões, e proposições são reproduzidas”. Pode-se dizer então que as palavras adquirem sentido conforme o uso e posição do sujeito que as utiliza, ou seja, em relação a sua formação ideológica e ainda segundo ele, “as palavras,

⁴ Impossibilidade de se dizer tudo na língua, série de pontos do impossível, lugar do inconsciente de onde o sujeito fala o que não pode ser dito. O termo real da língua é designado em francês como “lalangue”, o que corresponde em português, a “alíngua” (Ferreira, 2001, p. 21).

expressões, proposições, etc...recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.”

Pêcheux (1995 [1975], p. 162) propõe chamar de interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas. O interdiscurso caracteriza-se por abranger todo o domínio do universo do dizível. Todavia, o sujeito não consegue se relacionar com o todo desse domínio, portanto os saberes passam a se configurar em regiões, no interior do interdiscurso, e cada região dessa configura uma dada FD. Desse modo, o interdiscurso por ser perpassado por diversas formações discursivas também é um espaço heterogêneo.

Portanto, Pêcheux define o interdiscurso como “memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente” (ORLANDI, 2005, p. 11).

Em Análise do Discurso, pode-se pensar a linguagem e o funcionamento dela como processos que envolvem dizeres mesmos e dizeres diferentes, ou seja, paráfrase e polissemia. Neste viés, nos interessa aqui, a noção de paráfrase discursiva desenvolvida por Pêcheux (1997 [1975], p. 169), sendo denominada por ele como a “matriz do sentido”. Para o autor, a noção de paráfrase vincula-se, por um lado, às noções de substituição e sinonímia, e, por outro, ao de transformação. Corroborando a essa ideia, Orlandi (2020, p. 34), acrescenta que

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

Portanto, a linguagem discursiva está sempre atravessada pela paráfrase e pela polissemia, em um movimento de tensão, sendo assim o espaço onde os sujeitos e os sentidos se movimentam. É nesse movimento que há transformação pois, ainda segundo Orlandi (2020, p. 35) “nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história.”

A paráfrase discursiva portanto, é entendida levando em consideração a exterioridade, o contexto histórico e social, a ideologia e não somente estrita ao nível linguístico. Essas condições históricas e ideológicas são as que permitem a um já dito, que pertence a uma determinada FD e a uma determinada conjuntura sócio-histórica, ressoar em outro discurso, situado em outra FD e diferentes condições. (SCHNEIDERS, 2013).

3 Metodologia

Este trabalho partiu da necessidade de encontrar materialidades discursivas que estivessem relacionadas a temática e aos objetivos de nossa pesquisa que tem por objetivo debater alguns pontos das razões de, ainda hoje, as mulheres enfrentarem tantas barreiras para alçarem cargos de chefia e liderança, verificando também qual o papel que cabe ao Estado no que se refere ao trabalho feminino e como as questões de gênero são perpassadas pelas esferas pública e privada, sistematizadas por relações de poder iniciadas com a formação do sistema patriarcal e que se consolidaram no sistema capitalista.

A ideia então, era fazer um levantamento acerca da literatura em torno do trabalho das mulheres, ou ainda, como a desigualdade entre mulheres e homens é materializada no trabalho, considerando a distribuição de cargos e participação das esferas decisórias, mas também, no espaço privado, nas relações que não lidam apenas com o trabalho formal, mas aquele que ficou, como *naturalmente* a carga das mulheres.

Feita a revisão da literatura, optamos por tomar como objeto de análise cartuns que tratassem das mulheres no mundo do trabalho. A busca foi feita em sites que tomassem a perspectiva das mulheres como central no foco narrativo, assim, nos chamou a atenção foram os cartuns divulgados no site da ONU (Organização das Nações Unidas) Mulheres Brasil, publicados originalmente no livro “Abram espaço para as mulheres!”⁵, em decorrência das comemorações alusivas ao Dia Internacional da Mulher, comemorado em 08 de março. Feita a escolha das materialidades, passamos ao gesto analítico observando o funcionamento dos sentidos a partir dos cartuns selecionados.

Nesse sentido, o gênero cartum situa-se entre a charge e a história em quadrinhos pois, apropria-se dos elementos de ambos.

Pode ser confundido com a charge por tratar, na maioria das vezes, de situações de cunho social, mas por outro lado o cartum não tem comprometimento com um fato ou celebridades, podendo manter o potencial de fruição por muito tempo depois de ter sido publicado (ARAGÃO, 2011, p. 115).

Acredita-se que o gênero cartum tem o potencial de alcance para atingir leitores diversos em decorrência de utilizar, além do texto, a comunicação por imagens. Sendo

⁵ Tradução livre de Make place for women!

assim privilegiou-se esse gênero textual para as análises aqui propostas pois, concordamos com Aragão (2011, p. 118), quando afirma que

(...) não há dúvidas de que as charges e cartuns ocupam um espaço privilegiado no imaginário brasileiro, já que, inseridos nos principais veículos jornalísticos, seja em mídia impressa ou audiovisual, há sempre uma área dedicada a esse tipo de expressão gráfica, geralmente com destaque.

Deste modo, pinçamos dois cartuns que estariam mais alinhados a pesquisa e conforme mencionado anteriormente objetivaram criticar as desigualdades de gênero. Especificamente na materialidade analisada, evidencia-se essa questão no ambiente de trabalho. Portanto, a análise pretende observar os mecanismos linguísticos e visuais que foram utilizados pelas autoras e de que forma o discurso representado neles aciona uma memória do dizer, confirmando ou não a reprodução de discursos outros, produzindo um efeito de sentido (paráfrase), que remete às desigualdades de gênero.

4 Análises

Figura 1



*"Are you hiring me because I'm cheap,
I'm qualified, or I'm cheap and qualified?"*

Fonte: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero>

O primeiro cartum analisado, apresenta a imagem de uma mulher em entrevista de emprego questionando o seu empregador (homem):

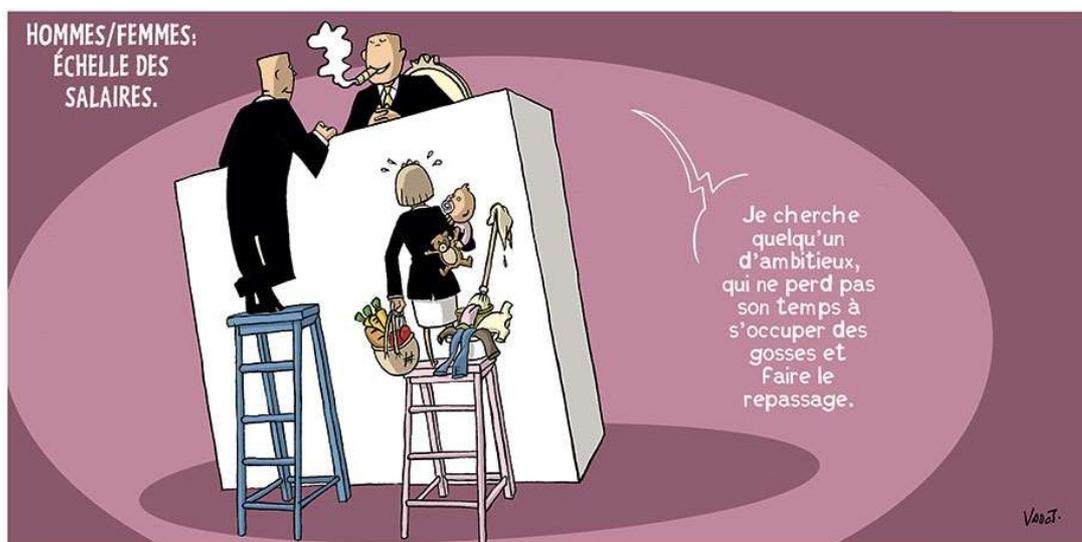
SD 1: "Você está me contratando **porque** custo pouco, **porque** sou qualificada ou **porque** custou pouco e sou qualificada?". Em um primeiro momento o que chama a

atenção é o uso do “porque” repetidas vezes. A conjunção “porque” indica causa, motivo, justificativa ou explicação. Ou seja, o uso da conjunção “porque” nesse contexto indica questionamento por parte da mulher entrevistada que pretende compreender o que realmente motivou a sua contratação. O fato de questionar se o motivo da contratação é porque ela custa pouco, remete a um pré-construído e a memória discursiva de que “o trabalho das mulheres é menor remunerado”. Já, o questionamento sobre a sua qualificação também poderia remeter a um já-dito sobre as mulheres, que na atualidade tem buscado maior qualificação e já são maioria nas universidades.

Autoras como Saffioti (1976) e Melo; Thomé (2018) apontam que historicamente, devido a processos sociais estruturais em nossa sociedade, a mulher apesar de mais qualificada ainda percebe as menores remunerações quando comparadas aos homens. O pré-construído é um enunciado simples que provém de outros discursos, como afirma Pêcheux (1975), “como se esse elemento já se encontrasse sempre-aí por efeito da interpelação ideológica”. Já a memória discursiva pode ser compreendida como as possibilidades dos dizeres no momento em que são enunciadas. Decorrem de processos históricos resultantes de disputas de interpretações e segundo Orlandi (1993) o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos. Pode-se dizer então que o discursivo opera, pois, em relação intrínseca com a memória, pois o que se diz é baseado em discursos outros, que vieram antes e circulam na sociedade e na história da humanidade.

Se pensássemos essa SD dividida em três, talvez não teríamos o mesmo efeito de sentidos, pois o que provoca a ironia neste caso, é justamente a concatenação das seqüências. A junção dos dois motivos para a contratação, dada pelo conectivo "e", ao final da SD, opera um efeito parafrástico. Segundo Orlandi (2020, p.36) “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”. Ou seja, em todo dizer sempre há algo que se mantém, aquilo que é da ordem da memória. Não há neste caso processo criativo, mas sim produtivo em que a mulher e o homem retornam sempre ao mesmo espaço do dizer.

Figura 2



Fonte: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero>

No segundo cartum, no canto superior esquerdo, lê-se:

SD 2: “Homens/mulheres: escala dos salários”.

No balão, a fala do executivo:

SD 3: “Procuro **alguém** ambicioso, **que** não perca tempo cuidando das crianças ou passando roupa”.

Analisando a SD 3, a Moderna Gramática Portuguesa, apresenta-nos “alguém” como um pronome indefinido substantivo. Os pronomes indefinidos “são os que se aplicam à 3.^a pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.” (BECHARA, 2009, p. 142). O uso do pronome indefinido “alguém”, pelo executivo, poderia sugerir uma indefinição de gênero, ou seja, estou procurando alguém (homem ou mulher), que dê conta do exigido para o cargo. No entanto, ao olharmos para a sequência toda, ao utilizar o pronome relativo “que”, neste caso, funcionando como pronome que se refere ao termo antecedente, o executivo restringe o acesso ao cargo apenas para *aqueles que não perdem tempo com as atividades domésticas e de cuidado com os filhos*, ou seja, em nossa sociedade majoritariamente machista e patriarcal, os homens. Percebe-se neste caso, a contradição causada por um efeito de sentidos, quando utiliza-se um pronome indefinido “alguém” mas ao mesmo tempo qualifica-se o sujeito. O sujeito do discurso – que aqui ocupa o lugar de contratante - é interpelado e faz funcionar os saberes de uma FD de cunho machista e patriarcal, pois, percebe o trabalho reprodutivo, na divisão social do trabalho, designado às mulheres, como “perda de tempo”, desvalorizando-o. Além de desqualificar a posição da mulher, como se não fosse possível para ela ser ambiciosa, ou seja, atingir outros níveis hierárquicos na carreira,

e, ao mesmo tempo lidar com os afazeres domésticos. Mais uma vez opera-se o efeito parafrástico, que retoma uma memória do dizer sobre as mulheres, reafirmando que “existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres”.

Em relação a SD₂, quando olhamos para além da linguagem, na imagem apresentada no cartum, nota-se um executivo (homem), em uma parte mais baixa do muro (que pode ser considerado aqui como uma metáfora às barreiras encontradas para alçar na carreira, bem como, para alçar cargos de liderança), galgando na escalada um nível mais alto na hierarquia da empresa e conseqüentemente um salário maior. Enquanto isso, a mulher ao seu lado, na figura, com uma criança no colo, uma sacola de compras, uma vassoura e um cesto de roupas para passar, sobe menos degraus na escalada e o “muro” que se apresenta a ela é mais alto para subir. Esta imagem representa muito bem as diferentes barreiras enfrentadas por homens e mulheres, em suas trajetórias profissionais, inclusive denunciando a diferença salarial entre os gêneros.

5 Conclusão

A partir das análises dos cartuns apresentados, evidenciou-se os conflitos e as desigualdades de gêneros presentes em nossa sociedade. A discursividade analisada, faz intervir uma memória do dizer sobre trabalho feminino versus trabalho masculino, que retoma certos conceitos cristalizados no âmbito social, pré-construídos de que: trabalho masculino vale mais do que trabalho feminino e que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres.

Por mais que tenham ocorridos avanços, devido as conquistas e as lutas feministas e a determinadas políticas públicas de inclusão da mulher no mercado de trabalho, verifica-se ainda hoje, nos discursos de diversos empregadores, o viés da sociedade patriarcal, que estabiliza uma memória do dizer sobre a mulher e determina qual o seu papel perante a sociedade, muitas vezes deslegitimando ou invisibilizando suas lutas.

Por outro lado, visto que o cartum tem como um de seus vieses criticar e satirizar uma determinada situação e levar ao público um debate crítico sobre temas relevantes da atualidade, percebe-se aí a tentativa das autoras, em promover uma reflexão e uma desestabilização desses conceitos, na tentativa de ressignificar a posição da mulher no meio social, considerando suas lutas e resistência aos lugares que lhe são determinados ideologicamente.

Ou seja, neste sentido, concordamos com Indursky (2005) de que todo ritual é sujeito a falhas e é precisamente por isso que o sujeito pode passar a questionar os saberes de sua formação discursiva e não mais identificar-se com eles. Segundo a

autora, neste processo, o sujeito pode não apenas transformar ou ressignificar as configurações de uma dada FD, deixando adentrar saberes outros, mas, também promover uma ruptura total e passar a não mais identificar-se com essa FD. Orlandi (2020, p. 35) aponta que “se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos.”

Portanto, se é através da linguagem, mais precisamente do discurso, que se manifestam o sujeito político e ideológico, as reflexões propostas podem colaborar para uma desidentificação do sujeito com a FD em que está inscrito e até mesmo promover uma nova filiação, com outra FD.

Referências

ARAGÃO, O.C., Cartum, do impresso à Internet: narrativa sequencial e humor disjuntivo. In: **Revista USP**. São Paulo, n. 88, p. 112-121, dezembro/fevereiro 2010- 2011.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª edição, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

IBGE. **Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2.ed. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 08 dez. 2021.

INDURSKY, F. Formação discursiva: Ela ainda merece que lutemos por ela por ela? In: **II SEAD – Anais do SEAD Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa : A Aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)**. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001.

MELO, H. P.; THOMÉ, D. **Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

ONU MULHERES BRASIL. **ONU Mulheres e cartunistas divulgam charges para criticar desigualdades de gênero**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-e-cartunistas-divulgam-charges-para-criticar-desigualdades-de-genero/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 13ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

_____, E. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. In: **Estudos da Linguagem**. Vitória da Conquista. n.1, p. 9-13, jun-2005.

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____, M. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. brasileira. Tradução de Bethania Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. [1975]. cap. IV, p. 163- 252.

SAFFIOTI, H.I.B., **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHNEIDERS, C.M. O funcionamento da paráfrase discursiva: constituição do sujeito e dos sentidos na produção do conhecimento dos anos de 1950. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (3): p. 997-1011, set-dez 2013. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/907>. Acesso em: 27 dez. 2021.



Gender Inequalities: analysis of the memory of saying about female work in the genre cartoon

ABSTRACT:

This article discusses gender inequalities in relation to female work, based on cartoon publications taken from the UN Women Brazil website, based on theoretical reflection anchored in French Discourse Analysis. It promotes a brief theoretical reflection on some fundamental concepts of DA, such as subject, discursive formation, interdiscourse, paraphrase and polysemy. From the analyses, it is observed that the discursivity present in the cartoons stabilize a memory of saying about women and about female work that refers to social constructs present in the social imaginary, reflecting gender inequalities, but which can be re-signified at different times, from a disidentification of the subject with such discursive formation.

KEYWORDS:

Genre;
Work;
Female;
Discourse Analysis;
Language.